

# humanitas



**Vol. XV–XVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

E um dia o milionário, tornado cidadão americano para poder divorciar-se da esposa intratável que ficara na Rússia, depois de percorrer o mundo, solitário e insatisfeito, casa aos quarenta e sete anos com uma rapariga grega de dezassete — noiva arranjada por um bispo da Igreja Ortodoxa — e inicia a aventura da mais espantosa carreira de arqueólogo e a não menos extraordinária de um matrimónio bem sucedido, com uma esposa que seria a sua mais dedicada companheira e colaboradora.

Então já ele dominava o grego clássico e o grego moderno e aprendera turco, e, a seguir, árabe. Para obter um grau de doutor numa pequena universidade alemã, escreveu mesmo a sua autobiografia em grego clássico.

E a incrível sorte que premiara o seu labor infatigável, não o abandonou também, quando veio a tornar-se, de arqueólogo improvisado, o mais famoso explorador de civilizações perdidas da bacia do Mediterrâneo. Localizou Tróia em Hissarlik e encontrou um tesouro ainda menos notável pelo seu valor em ouro puro, do que pelo seu significado histórico e arqueológico, naquilo que é conhecido hoje por Tróia II.

Mais tarde, escavou Micenas, e de novo o ouro surgiu aos seus olhos maravilhados, em artefactos de extraordinária importância histórico-cultural.

Depois, vieram as homenagens dos grandes, cartas de reis e imperadores, um prefácio de Gladstone (o chefe de governo inglês que traduziu Homero do grego) e os convites das sociedades científicas do mundo culto.

Quando escavava Micenas, foi visitado por D. Pedro II do Brasil, bom homem, mais generoso de palavras que de gorjetas ao pessoal das escavações. O incidente que daí resultou pode ler-se no livro de Payne.

Para os que, em nossos dias, tomaram conhecimento da decifração do Minóico Linear B, realizada por Michael Ventris (1), ou seguem interessados os progressos das escavações do palácio de Nestor, pelos arqueólogos da Universidade de Cincinnati, através dos relatórios dos professores Carl Blegen e Mabel Lang, *The Gold of Troy*, editado em «paper-back», é uma sugestiva introdução às pesquisas da actualidade.

A. C. R.

## Museu Regional de Beja. Catálogo de Algumas das Principais Peças.

Edição da Junta Distrital de Beja.

De passagem pela cidade de Beja, em Setembro de 1963, encontrei o museu local em obras e o seu recheio em desordem.

Interessaram-me especialmente as numerosas inscrições romanas ali existentes. De relance, notei que algumas estavam cobertas a giz, método primitivo e

(1) Cf. *Humanitas*, V-VI, 1953-54, 188-191.

desaconselhável. E logo chamei a atenção do funcionário ali em serviço para uma delas, visivelmente eirada na sua cobertura branca. Fui encontrá-la reproduzida no Catálogo com o mesmo erro notado na «caracterização» a giz. A palavra SERAH é na realidade SERAPI, dativo do nome de SERAPIS íaliás, correctamente indicado na legenda em português, sob o n.º 32), divindade bem conhecida. De resto, o arco da parte superior do P é visível, tanto na inscrição como na reprodução fotográfica.

Além disso, a inscrição está há muito no C./L., 2, onde tem o número 46.

No Catálogo, o tronco decorado, registado sob o n.º 31, tem sido objecto de discussões. Houve quem o considerasse como sendo da Ártemis Efésia e o Catálogo dá-o como pertencente a uma estátua de Vénus Anadiómene.

Creio que o testemunho recente das escavações em Afrodísias contribuirá para estabelecer definitivamente que se trata de uma Vénus, pois são muitas as semelhanças com a Afrodite encontrada em 1962 nessa importante estação arqueológica, situada na actual Turquia. Não sei, porém, se tal Afrodite ou Vénus poderá denominar-se de Anadiómene. Duvido.

Elogie-se, entretanto, a boa qualidade das fotografias do Catálogo.

A. C. R.

Malingrey, Anne Marie — «**Philosophia**». *Étude d'un groupe de mots dans la littérature grecque, des Présocratiques au IV siècle après J.-C.* Paris, Librairie C. Klincksieck, 1961. 326 pp.

Propôs-se a Autora desta útil e valiosa obra fazer um estudo analítico, claro e ao mesmo tempo substancioso, das palavras do grupo de *φιλοσοφία* usadas na literatura grega durante o milénio que une os Pré-socráticos ao século iv p.C. A leitura deste precioso livro que abarca o horizonte de três culturas, arreigou-nos no espírito a ideia da linguagem como modo de o homem estar no mundo físico, humano, histórico e cultural e a convicção da importância de uma analítica da linguagem como propedêutica indispensável à História da Cultura, da Filosofia ou da Teologia. Por isso, Malingrey, ao estudar o conteúdo polivalente da palavra *φιλοσοφία*, procura descrever a situação histórica dos vários autores, o seu «mundo» cultural, as reacções e tonalidades afectivas que introduzem na palavra determinada carga sentimental. Por outro lado, Malingrey com o seu método de investigação inculca-nos no espírito a ideia de que o passado continua na significação das palavras como sedimentação histórica e colabora vivamente na construção do nosso «mundo cultural». Uma análise da linguagem descobre-nos o homem como ser concreto, encarnado em determinado mundo físico e humano e numa irreversível situação histórica. Três dimensões da palavra estão subjacentes ao estudo de Malingrey: a) expressão dum ponto de vista do escritor situado na sua complicada trama